

Onde fica



INSTITUTO	
 Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	GM
Data	20/11/2000 Pg. 49
Class.	115

A vida das comunidades à beira do rio Juruá é dura, já contava o general Belarmino Mendonça, em 1905, ao explorar, a bordo da lancha "Faceira", os 3.283 quilômetros do curso d'água amazônico a mando do Barão do Rio Branco. No isolamento do baixo Juruá, percorrido pelo general com sacrifício, vivem hoje algumas milhares de almas, remanescentes do ciclo da borracha. Sobrevivem em meio a uma biodiversidade que se mostra, mais uma vez, como um maná aos olhos de corporações internacionais. Os produtos que hoje despertam a cobiça do rico patrimônio natural da região envolvem a finesse da genética e da pesquisa geológica. São interesses comerciais diferentes daqueles decorrentes da invenção do irlandês John Boyd Dunlop, que em 1888 registrou patente de câmara dupla de borracha, sendo uma delas cheia de ar. O reflexo no Brasil foi a atração de milhares de nordestinos para o meio da selva amazônica em busca da seringueira. Leandro Tocantins ensina a história dessa ocupação em "Formação histórica do Acre", em dois volumes. Na semana passada, uma iniciativa cultivada por CNPT do Ibama e Universidade Federal do Amazonas, com auxílio das comunidades do município de Carauari, e participação da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), jogou um pouco de luz naqueles ricos e abandonados confins. O que era projeto transformou-se desde sexta-feira em usina de extração de óleos vegetais para cosméticos, repelentes, remédios, e até geração de energia elétrica na reserva extrativista do médio Juruá. Os organizadores planejam produzir 2,5 mil toneladas de óleos vegetais por ano.